

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Multiculturalismos e regulação de sentidos: representações de sujeitos negros em livros didáticos de arte

Jorge Cardoso Paulino, Clarissa Thaís Lima da Costa, Ana Ivenicki

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15178>

Submetido em: 2026-02-22

Postado em: 2026-03-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

MULTICULTURALISMOS E REGULAÇÃO DE SENTIDOS: REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS NEGROS EM LIVROS DIDÁTICOS DE ARTE

JORGE CARDOSO PAULINO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5920-5719>
jorgepaulino.jcp@gmail.com

CLARISSA LIMA²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8373-7982>
clarissalimaprofa@yahoo.com.br

ANA IVENICKI³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7315-5500>
aivenicki@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO: Este artigo analisa as representações de sujeitos negros em fotografias presentes em três volumes de livros didáticos de Arte da coleção *Por Toda Parte* aprovada pelo Edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental. Sustentado por debates sobre multiculturalismo, currículo e colonialidade, o estudo adota abordagem qualitativa de análise documental, articulando conceitos do multiculturalismo crítico, pós-colonial e decolonial. Inicialmente, examina-se o Parecer CNE/CP n° 3/2004 como marco normativo da Educação das Relações Étnico-Raciais, situando pressupostos legais que orientam a produção e a avaliação do PNLD. Em seguida, analisam-se as imagens quanto à distribuição, aos enquadramentos discursivos e aos lugares de enunciação atribuídos aos sujeitos negros. Os resultados mostram que, embora a coleção mobilize a pluralidade cultural, predominam representações que associam a negritude a manifestações culturais populares, folclorizadas ou remetidas ao passado, enquanto sujeitos brancos aparecem com maior recorrência em posições de protagonismo cultural diversificado. Argumenta-se que tais enquadramentos restringem a construção de identidades negras como sujeitos históricos contemporâneos e como produtores de conhecimentos, estéticas e tecnologias. Conclui-se que, apesar de avanços no reconhecimento da diversidade, os livros operam nos limites de um multiculturalismo descritivo, indicando a necessidade de critérios mais críticos para selecionar e organizar conteúdos visuais no ensino de Arte.

Palavras-chave: Multiculturalismo; Colonialidade; Livro Didático de Arte; Educação das Relações Étnico-Raciais.

MULTICULTURALISMS AND THE REGULATION OF MEANING: REPRESENTATIONS OF BLACK SUBJECTS IN ART TEXTBOOKS

ABSTRACT: This article analyzes representations of Black subjects in photographs featured in three volumes of the art textbooks from the *Por Toda Parte* collection, approved under the 2017 National Textbook Program (PNLD) call and intended for the final years of lower secondary education. Grounded in debates on multiculturalism, curriculum, and coloniality, the study adopts a qualitative documentary analysis informed by critical multiculturalism as well as postcolonial and decolonial perspectives. It first

examines CNE/CP Opinion No. 3/2004 as a normative landmark for Education for Ethnic-Racial Relations, situating the legal assumptions that guide the production and evaluation of PNLD materials. The photographs are analyzed in terms of their distribution, discursive framing, and the positions of enunciation attributed to Black subjects. The findings show that, while the collection invokes cultural plurality, it largely links Blackness to popular cultural expressions (often folklorized or relegated to the past whereas) white subjects appear more frequently in diversified positions of cultural protagonism. Such framings restrict the construction of Black identities as contemporary historical subjects and as producers of knowledge, aesthetics, and technologies. Despite advances in acknowledging diversity, the textbooks remain within the limits of descriptive multiculturalism, indicating the need for more critical criteria for the selection and organization of visual content in Art education. This discussion is situated within Brazilian educational policy and textbook evaluation debates.

Keywords: Multiculturalism; Coloniality; Art Textbook; Education for Ethnic-Racial Relations.

MULTICULTURALISMOS Y REGULACIÓN DE SENTIDOS: REPRESENTACIONES DE SUJETOS NEGROS EN LIBROS DE TEXTO DE ARTE

RESUMEN: Este artículo analiza las representaciones de sujetos negros en fotografías presentes en tres volúmenes de los libros de texto de Arte de la colección *Por Toda Parte*, aprobada en la convocatoria de 2017 del Programa Nacional del Libro Didáctico (PNLD), destinados a los años finales de la educación secundaria básica. Sustentado en debates sobre multiculturalismo, currículo y colonialidad, el estudio adopta un enfoque cualitativo de análisis documental, articulando aportes del multiculturalismo crítico, poscolonial y decolonial. En un primer momento, se examina el Dictamen CNE/CP n.º 3/2004 como hito normativo de la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales, situando los presupuestos legales que orientan la producción y la evaluación del PNLD. A continuación, se analizan las imágenes en cuanto a su distribución, los encuadres discursivos y los lugares de enunciaci3n atribuidos a los sujetos negros. Los resultados muestran que, aunque la colecci3n moviliza la pluralidad cultural, predominan representaciones que asocian la negritud a manifestaciones culturales populares, folclorizadas o remitidas al pasado, mientras que los sujetos blancos aparecen con mayor recurrencia en posiciones de protagonismo cultural diversificado. Se argumenta que dichos encuadres restringen la construcci3n de identidades negras como sujetos hist3ricos contemporáneos y como productores de conocimientos, estéticas y tecnologías. Se concluye que, pese a avances en el reconocimiento de la diversidad, los libros operan dentro de los límites de un multiculturalismo descriptivo, lo que indica la necesidad de criterios más críticos para la selecci3n y organizaci3n de contenidos visuales en la enseñaanza del Arte.

Palabras clave: Multiculturalismo; Colonialidad; Libro de texto de Arte; Educaci3n de las Relaciones Étnico-Raciales..

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, os livros didáticos (LD) começaram a ser reconhecidos não apenas como instrumentos pedagógicos, mas como artefatos culturais que mediam discursos, valores e concepções de mundo. No que diz respeito às relações étnico-raciais, as imagens, textos e escolhas curriculares presentes nesses materiais participam ativamente da produç3o de sentidos sobre diferença, identidade e relações de poder, o que influencia na forma como sujeitos negros e não negros são vistos e posicionados tanto no espaço escolar quanto no imaginário social.

Inserido nesse horizonte, o presente artigo se propõe a analisar de que modo sujeitos negros são representados nas fotografias presentes em três volumes da coleç3o de LD de Arte Por Toda Parte, destinada ao Ensino Fundamental II e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017.

Neste estudo, articulamos discussões sobre multiculturalismo, currículo e colonialidade, com a intenção tanto de compreender como tais materiais dialogam (ou não) com perspectivas antirracistas quanto de identificar as abordagens multiculturais mobilizadas, evidenciando os limites e as possibilidades dessas representações na construção de sentidos identitários no espaço escolar.

De modo a contemplar tais objetivos, a primeira parte deste artigo dedica-se à discussão do conceito de multiculturalismo e de perspectivas antirracistas relacionadas às identidades negras. Em seguida, procede-se à análise do Parecer CNE/CP nº 3/2004, que assume papel estruturante ao responder à Indicação CNE/CP nº 6/2002 e ao instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, no contexto das alterações introduzidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) pela Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Nessa etapa, examinam-se suas contribuições e as concepções de multiculturalismo que orientam o texto normativo.

Na terceira parte, discutimos, a partir de uma metodologia de análise qualitativa documental de caráter interpretativista, as (in)visibilidades e os sentidos identitários que os LD de Arte analisados promovem por meio de fotografias de sujeitos negros, quando estes aparecem como protagonistas e produtores de arte e cultura.

O artigo conclui que, embora os LD analisados incorporem elementos de pluralidade cultural, mantêm uma lógica discursiva que tende a fixar sujeitos negros em um espectro identitário folclórico, em detrimento de perspectivas multiculturais mais críticas. A recorrência de imagens que associam a negritude quase exclusivamente a práticas culturais populares, frequentemente folclorizadas ou remetidas ao passado, contribui, assim, para a manutenção da colonialidade no espaço escolar, visto que restringe os lugares de enunciação possíveis para esses sujeitos a posições marcadas por visões “exóticas”.

MULTICULTURALISMO(S) E DISPUTAS DE SENTIDOS

Como mencionado na introdução deste artigo, LD e currículos operam como dispositivos de poder estruturados por matrizes coloniais que naturalizam determinados regimes de visibilidade e conhecimento, ao mesmo tempo em que silenciam saberes, narrativas e sujeitos historicamente subalternizados (Quijano, 2014; Walsh, 2009; Candau, 2020; Perez, 2020). Logo, investigar as abordagens multiculturais (Candau; Ivenicki, 2024) que estruturam os LD analisados significa compreender como esses materiais acionam (ou evitam acionar) processos de enfrentamento das desigualdades raciais.

A discussão ganha densidade ao considerarmos que, segundo Silva Junior e Ivenicki (2019), o multiculturalismo no campo educacional envolve respostas à diversidade cultural e esforços para tensionar preconceitos e hierarquias, ainda que tais respostas sejam frequentemente marcadas por disputas entre perspectivas universalistas e leituras plurais da cultura. Entretanto, conforme ressaltam Candau e Ivenicki (2024), é importante sinalizar que o multiculturalismo contempla um espectro que vai desde abordagens liberais e folclóricas até perspectivas críticas, pós-coloniais e decoloniais, as quais abordaremos adiante.

Essa diversidade de abordagens evidencia a polissemia do termo multiculturalismo que, conforme apontam Candau (2008, 2016, 2020) e atualizam Candau e Ivenicki (2024), no contexto educacional, tende a referir-se tanto à valorização da diversidade cultural quanto ao enfrentamento de preconceitos e discriminações, especialmente no âmbito escolar (Ivenicki, 2018, 2020; Candau, 2020; Santos, 2020; McLaren, 1998, 2000a, 2000b). Trata-se, portanto, de um conceito em disputa, cujos sentidos variam de acordo com os pressupostos teóricos e políticos que o sustentam.

Nessa direção, as autoras distinguem abordagens de caráter descritivo, que se limitam ao reconhecimento da coexistência de grupos culturais, de abordagens propositivas, orientadas à disputa de sentidos e ao enfrentamento das assimetrias de poder que atravessam as relações culturais e educacionais (Candau, 2020; Candau; Ivenicki, 2024).

Entre as perspectivas propositivas, as vertentes assimilacionistas e diferencialistas tendem, respectivamente, a universalizar um currículo monocultural sob a retórica da igualdade ou a cristalizar identidades de modo essencializado e segregado. Ambas configuram abordagens do multiculturalismo conservador (McLaren, 2000a).

Conforme Ivenicki (2018, 2020), há abordagens plurais do multiculturalismo que vão desde perspectivas mais folclóricas ou liberais, caracterizadas por uma valorização superficial da diversidade, frequentemente reduzida a representações comemorativas, exotizadas ou despolitizadas. Mais especificamente, o multiculturalismo de orientação humanista liberal sustenta, em seu discurso, a ideia de que as culturas são fundamentalmente iguais, na medida em que, para além das diferenças, haveria uma igualdade essencial comum a todos os sujeitos, ancorada na noção de humanidade. Essa perspectiva tende a negligenciar as relações sociais, históricas e de exploração que estruturam as experiências de homens e mulheres.

Já o multiculturalismo liberal de esquerda enfatiza a igualdade racial, mas acaba por minimizar as especificidades culturais e as formas historicamente construídas de sua expressão, ao compreender essa igualdade como um atributo essencial dos indivíduos, desvinculado das relações de poder que atravessam a vida social.

Em contrapartida, há o multiculturalismo crítico, o qual promove abordagens da diversidade definidas pelo reconhecimento da centralidade das relações de poder, da desigualdade estrutural e dos processos históricos de racialização na produção das diferenças culturais (Candau, 2008, 2020; Ivenicki, 2018; McLaren, 1998, 2000a, 2000b), também compreendido como multiculturalismo pós-colonial (Ivenicki, 2018, 2020).

Nessa esteira, sensibilidades decoloniais têm impactado o pensamento multicultural, tensionando seus limites e ampliando suas possibilidades críticas, dialogando com a interculturalidade crítica, a qual, segundo Walsh (2009), trata-se de um projeto em construção, entendido como um posicionamento político, social, ético e epistemológico de saberes e conhecimentos, orientado à transformação das estruturas, das condições e dos dispositivos de poder, por meio de uma proposta voltada a intervir e atuar sobre a matriz da colonialidade, ou seja, um padrão histórico que hierarquiza culturas, conhecimentos e sujeitos a partir de matrizes eurocentradas, construídas a partir da invenção da Modernidade.

Desse modo, a perspectiva decolonial desafia a naturalização dessas hierarquias e propõe a valorização de epistemologias outras, produzidas por sujeitos historicamente subalternizados. Um multiculturalismo informado por sensibilidades decoloniais preconiza, assim, a desestabilização das narrativas hegemônicas, a ampliação dos lugares de enunciação e a construção de práticas educativas comprometidas com a justiça cognitiva, cultural e racial (Candau; Ivenicki, 2024; Campos; Paulino; Vargens, 2024).

Essa chave de leitura é particularmente relevante na análise das fotografias de sujeitos negros presentes nos LD de Arte da coleção *Por Toda Parte*, pois permite identificar se tais imagens atuam na linha da visibilidade meramente ilustrativa, associada ao multiculturalismo descritivo, ou se produzem deslocamentos que confrontam desigualdades raciais e problematizam hierarquias históricas.

Ao buscar compreender os sentidos produzidos sobre sujeitos negros nas fotografias presentes nos LD analisados, partimos do reconhecimento de que os regimes de representação que atravessam a escola são marcados por vigilância, regulação e controle simbólico. Como observa Hall (2003), os espaços de representação da diferença não são neutros, mas organizados por disputas que definem quem pode ser visto, como pode aparecer e sob quais enquadramentos.

Essa compreensão se articula à noção de “imagens de controle” proposta por Collins (2019), segundo a qual grupos racializados são frequentemente enquadrados em estereótipos que limitam suas possibilidades de significação, consolidando hierarquias sociais e legitimando desigualdades. No contexto dos LD do PNLD, isso significa reconhecer que fotografias não apenas mostram sujeitos negros, mas os enquadram dentro de regimes de visibilidade que podem reproduzir, resignificar ou contestar estereótipos raciais.

Nessa perspectiva, o LD é entendido como artefato cultural e instrumento ideológico que integra o currículo escolar e, ao mesmo tempo, atua como currículo em si. Ao examinar seus conteúdos textuais e visuais, consideramos que esses materiais participam diretamente das disputas pelo significado, seja ao legitimar discursos dominantes, seja ao tensionar ou contradizer tais discursos.

Duncan (2011) destaca que as representações visuais podem reforçar estruturas de poder ou abrir fissuras que permitam outras narrativas, dimensões que se tornam especialmente relevantes quando tratamos de identidades negras na escola. Em consonância com Hall (2005), compreendemos que

sistemas de representação operam ativamente na construção identitária, o que rompe com concepções essencialistas de identidade e evidencia seu caráter discursivo e relacional.

Tais premissas evidenciam que práticas educativas, LD e currículos são atravessados por disputas multiculturais e interculturais que podem tanto reproduzir perspectivas assimilacionistas quanto promover o enfrentamento das desigualdades raciais. Assim, concordamos com hooks (2013) quando afirma que a teoria não é inerentemente curativa, libertadora ou revolucionária; ela serve a uma prática libertadora quando nos permite desenvolver ações orientadas para a justiça social.

Nesse sentido, a crítica ao multiculturalismo conservador, folclórico, humanista e liberal mostra-se pertinente, afinal representações que apenas mostram diversidade, sem questionar desigualdades estruturais, podem operar como mecanismos de neutralização do conflito racial e, portanto, como formas sutis de reinscrição da colonialidade do poder (Paulino, 2024).

Pesquisas recentes no campo da educação e das artes têm evidenciado que a mera visibilização da diversidade nos currículos e nas práticas pedagógicas não dá conta de enfrentar as desigualdades resultantes do racismo estrutural. Estudos desenvolvidos no ensino de artes (Paulino, 2024) e nas artes cênicas (Cavalcanti; Pompeu; Silva Junior, 2025), na educação linguística (Campos; Paulino; Vargens, 2024) e na formação docente (Perez, 2020) apontam que, quando a diversidade racial se limita a aparecer como tema ou como celebração da diferença, sem a devida problematização das hierarquias raciais e dos processos de subjetivação, as práticas educativas tendem a se inscrever nos limites de um multiculturalismo de caráter descritivo, pouco eficaz para tensionar os lugares historicamente atribuídos aos sujeitos negros no espaço escolar.

Na mesma direção, pesquisas que se debruçam sobre políticas curriculares e a produção acadêmica em educação e relações raciais (Lima; Paulino; Ivenicki, 2024), sobre a Educação Infantil (Gaudio; Carvalho, 2019), sobre a representação da mulher negra (Oliveira; Gomes, 2019), sobre as interseções entre raça, gênero e sexualidade (Silva Junior; Ivenicki, 2019) e sobre o livro didático (Muller, 2018) indicam que, embora a Lei nº 10.639/2003 tenha legitimado avanços relevantes, permanecem abordagens implícitas ou pouco críticas, que não enfrentam de modo direto as relações de poder e a colonialidade. Esses estudos apontam, assim, para a necessidade de análises que ultrapassem a presença temática da diversidade e interroguem os modos pelos quais representações e discursos educacionais podem, sob o signo do multiculturalismo, produzir silenciamentos e reinscrever desigualdades raciais.

Nesse sentido, a análise das fotografias da coleção Por Toda Parte busca compreender não apenas a presença de sujeitos negros, mas os enquadramentos discursivos que organizam suas aparições. A literatura evidencia que o livro didático é objeto privilegiado para esse tipo de investigação, pois constitui parte da cultura material escolar e atua na formação de imaginários sociais (Muller, 2018). Tilio (2006) observa que a forma como os livros didáticos são concebidos e utilizados pode restringir visões e limitar compreensões, sobretudo quando operam com representações superficiais ou estereotipadas. Essas restrições, quando relacionadas a identidades étnico-raciais, tendem a favorecer a assimilação acrítica de narrativas hegemônicas e a reforçar hierarquias simbólicas que atravessam a escola e o ensino de Arte.

Articulando essas contribuições, entendemos que examinar os discursos visuais presentes nos LD do PNL 2017 implica reconhecer seu papel como dispositivos de subjetivação e como espaços em que se atualizam ou são tensionados sentidos sobre negritude, diferença e pertencimento. Essa chave de leitura orienta a análise apresentada nas próximas seções, nas quais examinamos como os LD do PNL 2017 representam sujeitos negros, quais discursos são ativados e de que modo tais representações dialogam com os princípios da ERE. Fonte Garamond 12, cor preta, espaçamento entre linhas 1,25 para todo o artigo. Tamanho da fonte de 10 pts para citações longas; notas de rodapé; legendas; paginação. Recuo na primeira linha dos parágrafos em 2cm. O texto deverá seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou da American Psychological Association (APA).

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: PARECER CNE/CP Nº 3/2004

A fundamentação do Edital do PNLD em legislações voltadas ao enfrentamento do racismo e ao fortalecimento das identidades negras expressa, como observa Siss (2014, p. 182), o reconhecimento estatal da persistência da discriminação racial e da violação sistemática dos direitos da população afro-brasileira. Nesse cenário, o Parecer CNE/CP nº 3/2004 assume papel estruturante: aprovado por unanimidade em 10 de março de 2004, responde à Indicação CNE/CP nº 6/2002 e regulamenta a alteração da LDB decorrente da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

O documento dirige-se aos sistemas de ensino, às mantenedoras, às escolas e aos profissionais envolvidos na formulação e avaliação de políticas e programas educacionais (BRASIL, 2004). Um de seus pontos centrais é a ênfase na formação docente, entendida como condição para que educadores consigam lidar com as tensões produzidas pelo racismo e pelas desigualdades (BRASIL, 2004, p. 2). Ao Estado cabe a responsabilidade de instituir políticas de reparação, de modo a enfrentar danos materiais, simbólicos, sociais e educacionais oriundos da escravidão e do racismo institucional, expressão do racismo estrutural.

Entre as medidas consideradas essenciais, o Parecer destaca a necessidade de transformação nos discursos e nas práticas cotidianas, propondo mudanças nos “raciocínios, lógicas, gestos, posturas e modos de tratar as pessoas negras” (BRASIL, 2004, p. 3). Esse ponto dialoga diretamente com pesquisas que analisam representações raciais em materiais pedagógicos. Silva (2010), por exemplo, identifica que imagens e narrativas escolares frequentemente reproduzem estereótipos que associam sujeitos negros à incapacidade intelectual, ao mau comportamento e a funções sociais desvalorizadas, além de registrarem desequilíbrios quantitativos evidentes entre representações brancas e negras.

À luz disso, compreendemos que o Parecer não apenas acolhe, mas institucionaliza reivindicações históricas do Movimento Negro Brasileiro. Para Gomes (2012), a educação é vista pelo movimento como um direito conquistado politicamente, espaço de valorização de saberes plurais e via para a formação de sujeitos capazes de se contrapor a qualquer forma de discriminação. O próprio documento reconhece a dureza das experiências vividas por pessoas negras, reiteradamente julgadas antes mesmo de falar ou agir (BRASIL, 2004, p. 5), o que reforça a necessidade de práticas educativas ancoradas em uma postura multi/intercultural crítica (Candau, 2020; Ivenicki, 2020; Walsh, 2007).

O Parecer atribui à escola papel decisivo na eliminação das discriminações, ao assegurar acesso a conhecimentos científicos, registros culturais diversos e formas de racionalidade indispensáveis à construção de sociedades democráticas (BRASIL, 2004, p. 6). Contudo, estudos sobre formação inicial e continuada, como os de Matos (2025), Souza e Coelho (2025) e Souza (2020), apontam que os aspectos étnico-raciais permanecem escassamente tratados na formação docente, o que fragiliza a implementação efetiva das normativas.

O documento é claro ao afirmar que cabe aos sistemas de ensino garantir materiais bibliográficos e didáticos adequados, além de acompanhar o trabalho desenvolvido nas escolas, a fim de evitar que questões complexas sejam tratadas de modo superficial, incompleto ou incorreto (BRASIL, 2004, p. 9). Representações equivocadas e leituras simplistas da diversidade, quando transpostas para o cotidiano escolar, não apenas impedem o enfrentamento do racismo, como também inviabilizam a efetivação de práticas fundamentadas na EREER, que pressupõe trocas, aprendizagens e projetos coletivos entre brancos e negros (BRASIL, 2004, p. 6).

Em conjunto, esses elementos sustentam que o Parecer CNE/CP nº 3/2004 constitui referência normativa e política fundamental para o enfrentamento do racismo na educação. Seu compromisso explícito com práticas pedagógicas antirracistas e multi/interculturais críticas o torna documento-chave para a elaboração, a seleção e a avaliação de materiais didáticos, entre eles os livros didáticos de Arte analisados neste estudo.

SENTIDO(S) SOBRE O NEGRO EM UM LIVRO DA COLEÇÃO POR TODA PARTE (PNLD 2017)

Como já anunciado, este trabalho concentrou-se na análise de três volumes de LD de Arte destinados aos anos finais do Ensino Fundamental, integrantes da coleção Por Toda Parte, aprovada pelo Edital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2017 e publicada pela Editora FDT.

A obra didática, tal como definida pelo PNLD, é composta por quatro volumes. Nossa análise, entretanto, abrange apenas parte da coleção, uma vez que não tivemos acesso ao volume destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental. Assim, os resultados discutidos derivam exclusivamente da leitura e da interpretação dos volumes referentes ao 7º, 8º e 9º anos.

Os três volumes partilham uma mesma organização interna: cada livro é estruturado em três unidades, compostas, por sua vez, por dois capítulos. O presente artigo abordou as partes do livro que se dedicam às representações das identidades negras, tomando-as como foco da análise artística a partir do referencial multicultural, conforme discutido na seção anterior deste estudo.

Debruçamo-nos sobre esse corpus tendo como foco as fotografias nas quais sujeitos negros figuram como protagonistas e produtores de arte e cultura. Ilustrações não foram contempladas no recorte, uma vez que o interesse recai sobre a presença de pessoas negras fotografadas e reconhecíveis enquanto tais.

O procedimento analítico inicial consistiu na quantificação de todas as fotografias presentes em cada volume. Em seguida, identificamos, com base em marcadores fenotípicos, as imagens nas quais sujeitos negros estavam em evidência. Retornamos, então, às páginas em que essas imagens se encontravam para analisá-las em relação a outros elementos textuais e visuais com os quais (não) estabeleciam diálogo.

No que diz respeito às imagens fotográficas em que sujeitos negros aparecem em posição de protagonismo como artistas e/ou produtores de cultura, encontramos: no capítulo dedicado à música, quatorze imagens no volume destinado ao 7º ano; seis imagens no volume destinado ao 8º ano; e seis imagens no volume destinado ao 9º ano. Em contrapartida, nos mesmos três volumes, as imagens que apresentam pessoas brancas em lugar de produtoras e protagonistas culturais e artísticas totalizam sessenta imagens no 7º ano, cinquenta e cinco no 8º ano e oitenta no 9º ano.

Ressaltamos que para essa seleção, adotamos critérios fenotípicos que, no contexto brasileiro, sustentam o preconceito racial, uma vez que “onde o preconceito é de marca, serve de critério o fenótipo ou aparência racial” (Nogueira, 2006, p. 293). O mesmo procedimento foi utilizado para identificar as imagens protagonizadas por pessoas brancas. Reconhecemos, contudo, que esses números podem variar de acordo com o letramento racial e o olhar de quem analisa os mesmos materiais.

A seguir, descrevemos as imagens fotográficas selecionadas em cada volume da coleção Por Toda Parte (PNLD 2017), considerando sua distribuição e recorrência ao longo dos livros didáticos analisados.

No livro didático do 7º ano, foram identificadas quatorze imagens. Três delas retratam crianças: dois meninos vestidos com roupas associadas à cultura hip-hop, executando passos de breakdance em South Bank, na Inglaterra; uma menina usando turbante, cantando ao microfone; e um grupo composto por oito meninas brincando de pular corda, acompanhadas por uma adulta, no pátio de uma escola municipal localizada em Balsas, no Maranhão.

O volume também apresenta um pequeno frame do ator Samuel L. Jackson caracterizado como personagem da narrativa fílmica Star Wars. Duas imagens mostram a cantora baiana Virgínia Rodrigues em performance no palco, enquanto outras duas registram emboladores se apresentando nas ruas do centro da cidade de São Paulo. Há ainda a imagem da capa do álbum musical “Repente rap repente”, duas imagens do grupo cirandeiro Coroas Cirandeiros, de Paraty, no Rio de Janeiro, e uma fotografia de uma grande ciranda formada no Dia da Consciência Negra pelo Grupo de Cida, em Alagoa Grande, na Paraíba. Completam esse conjunto uma imagem da cirandeira Lia de Itamaracá e outra da compositora e pianista Chiquinha Gonzaga.

No livro didático do 8º ano, foram selecionadas seis imagens fotográficas. Elas incluem o músico de jazz Miles Davis; percussionistas da cidade de Gitega, capital do Burundi, registrados em 2015; percussionistas do grupo étnico Ewe, em Gana, em registro datado de 1973; o ator Eddie Murphy em estúdio de dublagem; a cantora de samba Alcione; e o grupo percussivo Meninos do Morumbi, fotografado durante uma apresentação em Londres, na década de 1990.

Já no livro didático do 9º ano, também foram identificadas seis imagens. Entre elas, há o registro de uma apresentação do Balé Folclórico da Bahia realizada na Califórnia, nos Estados Unidos, em 2011; um ensaio do grupo Bonde dos Mulekes 100 Limites, realizado sobre a laje de uma comunidade do Rio de Janeiro, em 2006; duas imagens do DJ Marcelo Negão em bailes funk ocorridos em bairros da

mesma cidade; uma fotografia de guerreiros Masai em dança tradicional no Quênia, sem indicação de data; um registro histórico do movimento hip-hop no Bronx, em Nova York, na década de 1970; e, por fim, a imagem do artista grafiteiro Cranio executando um mural temático da Copa do Mundo no Brasil, em 2014.

A leitura desse conjunto nos permite afirmar que, embora haja referências à pluralidade cultural, a coleção trabalha a diversidade a partir de um viés que, ao mesmo tempo, exalta manifestações populares e preserva hierarquias entre culturas consideradas populares e eruditas. As diferenças culturais são discursivizadas como se houvesse harmonia entre os grupos, apagando tensões raciais e assimetrias de poder. Tal tratamento distancia-se da perspectiva multi/intercultural crítica, que implica o questionamento das visões diferencialistas tanto quanto das perspectivas assimilacionistas (Candau; Ivenicki, 2024).

Ao somarmos as ocorrências nos três livros, chegamos ao total de 27 imagens fotográficas em que sujeitos negros aparecem como produtores de arte e cultura, frente a 195 imagens protagonizadas por sujeitos brancos. Essa desproporção quantitativa sugere uma hierarquia racial, assim como a permanência de traços de colonialidade, na medida em que privilegia estéticas e conhecimentos eurocêntricos como norma (Gomes, 2018) e posiciona outras matrizes culturais como periféricas.

Constatamos, ainda, um traço recorrente nos três volumes: o uso das imagens como elementos secundários na composição das páginas. Embora relacionadas aos temas das unidades, elas raramente são mobilizadas em sua dimensão discursiva e estética, permanecendo à margem dos textos, como se não constituíssem fonte de conhecimento em si.

Tomando as 27 imagens identificadas, buscamos perceber aproximações e distanciamentos entre elas, a fim de elaborar categorias analíticas. O que se destaca é a saturação de associações entre sujeitos negros e manifestações culturais classificadas como populares. Das 27 imagens, 12 dizem respeito a cirandas, emboladas, hip-hop e funk (seis referentes a cirandas e emboladas e seis ao funk), em uma perspectiva multicultural folclórica (Ivenicki, 2018; Candau; Ivenicki, 2024).

A insistência em circunscrever o protagonismo negro ao campo do popular sugere um controle sobre quais subjetividades podem ser vistas como legítimas e em quais lugares discursivos. Em termos de uma pedagogia antirracista, seria necessário que sujeitos negros ocupassem também posições associadas a prestígio social, inovação tecnológica e produção de conhecimento em outros registros, em perspectivas multiculturais críticas (Ivenicki, 2020; Candau e Ivenicki, 2024).

A saturação de imagens que situam o negro como produtor de cultura apenas no passado ou em registros folclorizados também atualiza discursos coloniais. Nesse tipo de enquadramento, a cultura negra é tratada como um conjunto de traços fixos, remetidos a uma essência imutável (Pinar, 2016), em vez de ser compreendida como campo dinâmico, relacional e atravessado por disputas. Soma-se a isso uma leitura que, muitas vezes, representa a negritude como “sempre e em todo lugar bela e soberbamente não europeia, não racionalista, não tecnológica, não imperial” (Pinar, 2009, p. 151), o que, paradoxalmente, pode reforçar distâncias e exotizações.

Em contraste com as imagens de sujeitos brancos, frequentemente associados à tecnologia, ao progresso e à inovação, a recorrência de enquadramentos que ligam sujeitos negros à ingenuidade ou ao primitivismo contribui para a construção de subjetividades que hierarquizam grupos raciais. Entendemos, portanto, que o sentido dessas imagens não é produzido isoladamente, mas em relação a outras imagens e textos presentes (ou ausentes) nos livros, numa dinâmica em que presenças e silêncios colaboram para a construção de significados.

Não se trata, aqui, de deslegitimar vínculos efetivos entre cirandas e repertórios culturais de comunidades negras. O que nos inquieta é a proeminência quase exclusiva dessa associação, acompanhada da ausência de outros lugares discursivos para a negritude. Pesquisas recentes sustentam que, mesmo após a crítica aos determinismos biológicos, o racismo continua a se reproduzir por meio de formas culturalistas de essencialização das diferenças, que funcionam como mecanismos de manutenção de hierarquias raciais.

Em contextos educacionais, Gillies (2023) identifica como o deficit racism, vinculado ao essencialismo cultural, reproduz desigualdades contra povos indígenas; Sedlacek et al. (2025) demonstram que modelos que dependem de essencialismos culturais não capturam o caráter estrutural do racismo; e Agger et al. (2024) argumenta que abordagens que tratam a raça apenas como diferença cultural tendem

a minimizar as relações de poder. Esses debates contemporâneos ecoam a crítica clássica de Essed (1991) e Gilroy (1993), ao deslocar o foco da raça biológica para as dinâmicas culturais que naturalizam desigualdades raciais, reforçando a pertinência de uma análise antirracista que vá além de representações superficiais.

Essa lógica converte o sujeito negro em tema, em objeto de contemplação, ora como figura folclórica, ora como curiosidade nacional (Ramos, 1995), configurando, mais uma vez, uma dimensão multicultural folclórica. Em vez de reconhecer a negritude como sujeito histórico pleno, em permanente negociação identitária, os LD analisados tendem, a nosso ver, a congelá-la em determinadas imagens e repertórios.

Desse modo, quando produções culturais de comunidades negras são reiteradamente discursivizadas como práticas naïf ou infantis, como ocorre em certas leituras da ciranda e da embolada, reforça-se um quadro em que “negro ou afro-brasileiro carrega um potencial de inferiorização, tal como popular, primitivo e naïf” (Silva, 2018, p. 375).

Em nossa leitura, os LD de Arte avançam no sentido de apresentar representações da identidade negra, ainda que predominantemente ancoradas em perspectivas multiculturais folclóricas. No entanto, argumentamos que poderiam contribuir de modo mais consistente para o enfrentamento de preconceitos caso articulassem tais visões a perspectivas multiculturais mais críticas, capazes de tensionar e desafiar estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permite afirmar que os livros didáticos de Arte da coleção Por Toda Parte (PNLD 2017), ao mesmo tempo em que incorporam elementos de pluralidade cultural, mantêm uma lógica representacional que ainda tende a fixar sujeitos negros em um espectro identitário folclórico, em detrimento de perspectivas multiculturais mais críticas. A recorrência de imagens que associam a negritude quase exclusivamente a práticas culturais populares, folclorizadas ou remetidas ao passado, tende a reforçar certos traços de colonialidade no espaço escolar, ao limitar os lugares de enunciação possíveis para esses sujeitos a posições marcadas por visões “exóticas”.

Nossa intenção é que as reflexões aqui apresentadas possam dialogar com pesquisas da área e com futuros editais do PNLD e de outros programas, contribuindo para um olhar mais atento e crítico sobre os discursos visuais que circulam nesses materiais. Trata-se de qualificar o olhar para perceber que, embora estereótipos abertamente depreciativos sejam hoje menos frequentes do que em décadas passadas, novas formas de estereotipização podem emergir sob a aparência de celebração multicultural e de reconhecimento da diversidade.

Nos LD analisados, sujeitos negros são frequentemente posicionados como personagens históricos com baixa agência e reduzidas possibilidades de hibridação identitária, o que contribui para representá-los como “outros”, apartados da dinâmica cultural contemporânea. A questão que permanece é se há, nesse tipo de enquadramento, potência efetiva para a construção de uma educação antirracista.

Ao evidenciar a desproporcionalidade entre as imagens de sujeitos negros e brancos em posição de protagonismo cultural, bem como a saturação de associações entre negritude e cultura popular, este estudo aponta para a necessidade de repensar os critérios de seleção e de organização de conteúdos nos livros didáticos de Arte. Uma perspectiva comprometida com a Educação para as Relações Étnico-Raciais exige deslocar a negritude da posição de tema ou objeto exótico e reconhecê-la como sujeito contemporâneo, produtor de conhecimentos, estéticas e tecnologias em múltiplos campos, em perspectivas multiculturais mais críticas.

Em síntese, os resultados sugerem que, embora o PNLD e o Parecer CNE/CP nº 3/2004 constituam marcos importantes na luta antirracista, sua materialização nos livros didáticos ainda enfrenta limites que podem vir a ser superados. Cabe, portanto, ampliar o debate sobre a avaliação e a produção de materiais, de modo que os LD deixem de apenas enunciar a diversidade e passem a participar, de forma mais consequente, da construção de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça racial.

REFERÊNCIAS

AGGER, Charlotte A.; ROBY, ReAnna S.; MILES, Monica L.; et al. Taking a critical look at adolescent research on Black girls and women: a systematic review. *Journal of Adolescent Research*, v. 39, n. 2, p. [s.p.], 2024. DOI: 10.1177/07435584221076054. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/07435584221076054>.

AMBRÓSIO, Márcia. (org.). *Currículo, multiculturalismo, didáticas e saberes docentes*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio; CANDAU, Vera. (orgs.). *Diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13–37.

CANDAU, Vera. Apresentação. In: CANDAU, Vera. (org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

CANDAU, Vera. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. especial, p. 670–677, dez. 2020.

CANDAU, Vera.; IVENICKI, Ana. A pesquisa multi/intercultural na educação: possibilidades de articulação a processos educativos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 32, n. 122, 2024.

CAMPOS, Rodrigo da S.; PAULINO, Jorge C.; VARGENS, Dayala P. de M. Educação linguística em espanhol com crianças: uma proposta de prática antirracista. *Revista Educação em Questão*, v. 62, n. 72, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2024v62n72ID36055>.

CAVALCANTI, Andreza. B.; POMPEU, Raphael; SILVA JUNIOR, Paulo. M. da. A raça interroga a prática pedagógica: por uma educação antirracista nas aulas de artes cênicas. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024. DOI: 10.5965/1414573103562025e0205.

COLLINS, Patricia. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de J. P. Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUNCAN, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 15–30.

ESSED, Philomena. *Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory*. London: Sage, 1991.

GAUDIO, Eduarda S.; CARVALHO, Thaís. R. de. Matriz curricular para a educação das relações étnico-raciais na Educação Básica de Florianópolis: análises sobre a educação infantil. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39., 2019, Niterói. *Anais...* Niterói: ANPEd, 2019. GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais. ISSN 2447-2808.

GILLIES, Carmen. Anti-Indigenous deficit racism and cultural essentialism in K–12 education: we want you to recognize there’s a problem. *Journal of Critical Race Inquiry*, v. 10, n. 2, p. 68–88, 2023.

GILROY, Paul. *Small acts: thoughts on the politics of black cultures*. Londres: Serpent’s Tail, 1993.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: resignificando e politizando a raça. *Educação e Sociedade* [online], v. 33, n. 120, p. 727–744, 2012.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra. In: SOVIK, L. (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 335–349.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de M. B. Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IVENICKI, Ana. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 26, n. 100, p. 1151–1167, 2018.

IVENICKI, Ana. Perspectivas multiculturais para o currículo de formação docente antirracista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 32, p. 30–45, maio 2020. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/890>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LIMA, Clarissa; PAULINO, Jorge. C.; IVENICKI, Ana. Perspectivas multiculturais e/ou antirracistas de 2013 a 2020: levantamento da produção do conhecimento a partir da Lei 10.639/03. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 10, n. 1, p. 385–405, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.73802. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73802>. Acesso em: 28 dez. 2025.

McLAREN, Petter. A luta por justiça social: breves reflexões sobre o ensino multicultural nos Estados Unidos. *Pátio*, v. 2, n. 6, p. 24–33, ago./out. 1998.

McLAREN, Petter. *Multiculturalismo crítico*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000a.

McLAREN, Petter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000b.

MOREIRA, Antônio; DELGADO DA SILVA, Márcio. Reflexões sobre educação, identidade e transformação social. *Revista Hominum*, v. 10, p. 32–35, 2024. Disponível em: <https://revistahominum.com.br/2024/06/edicao-26-edicao-julho-2024/>. Acesso em: 28 dez. 2025.

MÜLLER, Tânia. Livro didático, educação e relações étnico-raciais: o estado da arte. *Educação em Revista*, v. 34, n. 69, p. 77–95, 2018.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social* [online], v. 19, n. 1, p. 287–308, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>. Acesso em: 28 ago. 2022.

OLIVEIRA, Luciana R. de; GOMES, Ana C. da C. Mulher negra, representação e pedagogias outras: diferentes formas de ver e fazer educação antirracista. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39., 2019, Niterói. *Anais...* Niterói: ANPEd, 2019. GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais. ISSN 2447-2808.

PAULINO, Jorge. “Todo ano é isso... só tem negro escravo”: visualidades escolares alusivas ao Dia da Consciência Negra. In: AMBRÓSIO, Márcia. (org.). *Currículo, multiculturalismo, didáticas e saberes docentes*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 68–81.

PEREZ, Caroline da Matta Cunha. *Educação das relações étnico-raciais e formação de professores: buscas e inquietações*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PINAR, William. *Multiculturalismo malicioso. Currículo sem Fronteiras*, v. 9, n. 2, p. 149–168, jul./dez. 2009.

PINAR, William F. Multiculturalismo, nacionalidade, cosmopolitismo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). *Estudos curriculares: ensaios selecionados*. São Paulo: Cortez, 2016. p. 159–176.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: LANDER, Edgardo. (org.). *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SEDLACEK, Quentin C.; VILLA III, Anthony M.; FRIEND, Michelle; PÉREZ, Greses; DOZIER, Sara; HAEGER, Heather; LOMELÍ, Karla; MEJIA, Joel Alejandro. How representation matters: conceptualizing systemic racism to develop diversity research agendas for undergraduate STEM education. *Educational Psychology Review*, v. 37, art. 49, 2025.

SILVA, Adriana de Oliveira. *Galeria & senzala: a (im)pertinência da presença negra nas artes no Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Ana. Célia. da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA JUNIOR, Paulo M. da; IVENICKI, Aana. Entre sexualidades, masculinidades e raça: contribuições do multi/interculturalismo para a prática pedagógica. *Educação e Realidade*, v. 44, n. 4, e84807, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6jT5QjKJ7dG7kzj6nV8k8cC/>.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. “Lá na escola (não) tem racismo!”: reflexões sobre experiências formativas em educação para as relações étnico-raciais. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, v. 3, n. 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/978>.

TILIO, Rogério C. *O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade*. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/Rogério_Tilio_tese.pdf. Acesso em: nov. 2025.

SOUZA, Marinês V. de; COELHO, Wilma de N. B. Educação para as relações étnico-raciais e formação docente: diálogos com pedagogas(os) de escolas públicas de Manaus. *Igapó*, v. 19, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.31417/ireciticfam.v19.366>.

WALSH, Catharine. *Memorias del Seminario Internacional “Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad”* (Bogotá, 17–19 de abril de 2007). Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

WALSH, Catharine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. In: CONGRESSO DA ASSOCIATION POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE, 12., 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2009.

Submetido: 22/02/2026

Aprovado: / /

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor 1 – Concepção do estudo; Metodologia; Análise formal; Redação do texto – versão original.

Autor 2 – Curadoria dos dados; Análise formal; Redação do texto – versão original; Redação do texto – revisão e edição.

Autor 3 – Supervisão; Metodologia; Redação do texto – revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.